



Nuno Costa Santos

Crónicas do Corpo Santo

Falta romantismo aos Açores

Repito: falta romantismo aos Açores. A Portugal, em geral, e ao mundo também. Mas refiro-me ao arquipélago em particular. Não me refiro ao romantismo do namoro, a merecer um esmero perdido em tempos das relações por *messenger*. Refiro-me, sim, a outro romantismo, termo desvalorizado e satirizado porque incompreendido. A uma ideia, a um projecto, a um desígnio maior do que os dias. Algo que, além do individualismo essencial e benéfico, motive uma comunidade, a faça seguir um rumo conjunto, apesar das divisões. Estamos demasiado presos à repartição das horas. Se estou a falar de eleições? Não. Vou além da circunstância. Além de protagonistas e slogans e pigmentos partidários. Interessam-me o arquipélago. É pelo arquipélago que tenho labutado, dentro das minhas competências e áreas, ao longo destes anos. A filosofia. O sentimento. A cultura. Como olhar e gesto concreto. A teimosia.

Começo por aqui o argumento. Abro a janela. É importante rimar, minimamente, com o sítio onde se vive. Já ouvi ateu comentar que parece existir um muito pensado ideal de beleza nesta Natureza verdejante, nestas lagoas, nestas quedas de água, nestas ravinas, nestes parques, nestas matas, nestas grotas, nestas espécies, nestas costas, neste mar. Nos Açores até um descrente tem instantes de crença. Até um burocrata pode ir além da papelada. Basta dar uma volta e ver.

Os melhores artistas, sabemo-lo, souberam e sabem captar este romantismo morfológico, paisagístico e humano. A beleza romântica do arquipélago. Olhares de dentro e de fora. De Emanuel Jorge Botelho a Urbano Bettencourt, passando por outro Urbano, que assina os seus quadros sem apelido. De Domingos Rebelo a Vitorino Nemésio, passando por Raul Brandão. Tantos mais, muitos ainda por conhecer por mais públicos, internos e externos, como é o caso de Fernando Aires, diarista excepcional debaixo destes céus incertos e variáveis. No que toca a Brandão, uma nota. É preciso ter um grande talento verbal-impressionista, uma disponibilidade para o deslumbre e uma atenção emocional imensa, como tinha o autor de "Húmus" e "Os

Pescadores", para acrescentar beleza ao que já é em si imensamente belo. Conseguiu-o.

Outro caso: o de Pedro da Silveira, recém-evocado por Vasco Rosa, continental sempre interessado em valorizar esta literatura, pouco visível ao longo da História, em palestras realizadas nas Lajes das Flores e em Angra do Heroísmo. Assim se deu início às mais do que obrigatórias comemorações do centenário do nascimento, a celebrar em 2022, do autor de "A Ilha e o Mundo" e de "Corografias". Silveira celebrou os Açores através da sua obra poética, capaz de captar uma vivência insular, muitas vezes pensosa, feita de aspiração e sonho, e pela pesquisa da cultura popular feita na sua ilha e pela organização de antologias de autores açorianos. O que motiva estes gestos? Uma atitude afectiva, o gosto, o amor em valorizar. Em - gosto muito do verbo - cuidar. Acrescente-se que o romântico, ao contrário do que pensa, pode representar o mais lúcido e terreno dos seres. Sabe que o seu ideal nunca será atingido. Mas que pode ser concretizado de forma parcial e, ao mesmo tempo, fundamental. Os seres humanos não são todos respeitados de igual modo mas existe um cardápio de direitos invocado e defendido. Alguém imaginou e procurou, de modo efectivo, estabelecer essa Declaração.

Sublinhemos o óbvio até porque o óbvio é demasiado esquecido, como sempre notou o mestre Nelson Rodrigues. O que, de fundo, foi conquistado, no plano político, no arquipélago chegou da ideia, romântica, claro está, de que podemos e devemos governar-nos a nós próprios. A nós, aqui nascidos ou estabelecidos nesta pequenas ilhas do meio do Atlântico. Qualquer folha de Excel teria dito, e ainda dirá, que é tarefa impossível e por isso indesejável. Qualquer mente cínica com poderes desmedidos teria sabotado a ideia. Alguns ainda o fazem. Percebo os críticos da Autonomia. Entendo mal os críticos da ideia de Autonomia. Meus queridos, antes da Autonomia, aos Açores faltavam portos. Portos? Sim. Portos. É preciso dizer mais?

Os elementos dos três movimentos autónomos tinham em si uma vocação romântica. Li

a reflexão de Maria Isabel João, publicada há uns anos no Boletim do Núcleo Cultural da Horta e, apesar de a achar pertinente, suscita-me oposição, sobretudo quando afirma que os movimentos autonomistas açorianos não foram antecederidos ou acompanhados por "idênticas correntes culturais". Ora a autora mostra desconhecer o trabalho intelectual do mencionado Pedro da Silveira. E o de outros elementos da sua geração. E o de gerações posteriores. Invoca, para justificar a sua tese, o pensamento de Luís da Silva Ribeiro quando diz que nada nos açorianos os faz diferentes dos outros portugueses. Mas, esquece-se a académica, o mesmo Luís da Silva Ribeiro escreveu, num artigo intitulado "o povo açoriano", expressão hoje ainda contestada por várias figuras, o seguinte, referindo às suas gentes: "Portugueses, sim, evidentemente; mas portugueses da Terceira". Um autonomista da sua ilha. Tal como Pedro da Silveira o era relativamente às Flores. Por amor? Evidente.

Os autonomistas, quando verdadeiros, amavam e amam a sua terra, criticavam e continuam a criticar o centralismo. Naturalmente, tinham e têm interesses pragmáticos, práticos, egoístas, mas, quando autênticos, eram e são acompanhados da vontade de fazer avançar uma terra isolada mas com pessoas capazes. É por romantismo que muitos regressam depois de anos fora. É por romantismo que outros, emigrados, celebram tradições e lugares. É por romantismo que se quer impedir que se venha cá, em busca de salvação imediatas, destroçar os nossos solos subaquáticos. É por romantismo que tanto se critica a sua terra dentro de portas. É por romantismo que profissionais de várias áreas, alguns deles de excelência, depois de virem trabalhar para os Açores, aqui ficam e se realizam, contribuindo, com brio e brilho, para a comunidade. Porque, se fossem mais de fazer contas à existência, teriam permanecido em território continental. Por mais inacessível que seja o interior, do interior pode-se pedir boleia para os centros urbanos, para terras de oportunidade. Aqui não é tão fácil. Falta romantismo aos Açores.

Igreja açoriana debate caminho sinodal

Os membros conselhos presbiteral e pastoral diocesano refinam no próximo dia 2 de Outubro, para debater a realidade da Igreja local e a resposta que ela deve dar ao mundo de hoje.

O encontro será a primeira grande "experiência sinodal", depois da realização do Congresso de Leigos no início da década de 90 do século XX, refere o portal Igreja Açores.

A assembleia, que sentará à mesma mesa 75 pessoas, dos dois conselhos, entre 2 e 5 de Outubro, no Centro Pastoral Pio XII, em Ponta Delgada, será uma oportunidade para "juntar diferentes carismas e sensibilidades, na unidade da fé, na escuta e na resposta aos desafios do nosso tempo", adiantou, ao programa de rádio Igreja Açores, e coordenador da Comissão Diocesana da caminhada sinodal, cónego Hélder Fonseca Mendes.

"Será um momento de partilha, de enriquecimento e um contributo para reflectir sobre a nos-

sa realidade de igreja e as respostas que podemos dar ao nosso mundo", referiu o sacerdote.

"Vamos certamente retomar a auscultação que foi feita e que, de algum modo, foi suspenso com a pandemia", acrescentou o sacerdote, ao sublinhar que os temas em debate serão a relação entre a fé e a cultura contemporânea; a realidade sócio-económica dos Açores e a identidade religiosa e eclesial dos Açores.

"A síntese elaborada pela Comissão já foi entregue e agora vamos analisar cinco capítulos: uma igreja evangelizadora, uma igreja missionária, uma igreja em permanente diálogo com o mundo, uma igreja comunitária e participativa e uma igreja integradora para os pobres e com os pobres, que escuta o grito dos que sofrem", acrescenta. Nesta assembleia serão, por isso, definidos alguns dos temas que vão orientar os orientações de pastoral para o próximo ano.

